

O governador Tarcísio de Freitas tem diante de si, neste início de mês, uma oportunidade rara — e talvez inadiável — de corrigir os rumos do esporte no Estado de São Paulo. Com a saída da coronel Helena Reis do comando da Secretaria de Esportes, motivada pelo período eleitoral, o meio esportivo paulista volta a respirar. Não com certeza, mas com esperança. A esperança de que, desta vez, a Pasta seja entregue a quem entende de esporte, e não a quem precisa de um cargo para atender a conveniências políticas.

Vício da troca de favores

Não é novidade que, no Brasil, o esporte costuma ser moeda de troca. No governo federal, o Ministério do Esporte há tempos serve de balcão para acomodações do Centrão. Em São Paulo, o roteiro não foi muito diferente. A nomeação de Helena Reis nunca se justificou por mérito técnico ou experiência na gestão esportiva. Tratou-se, desde o princípio, de um arranjo político que custou caro ao esporte paulista — historicamente pujante e referência nacional.

Militarismo e religião

Durante sua passagem pela Secretaria, a coronel Helena Reis trouxe consigo duas marcas que, embora legítimas na esfera pessoal, jamais deveriam pautar a condução de uma política pública esportiva: o militarismo e o fervor religioso. A patente de coronel da Polícia Militar foi utilizada como fachada para transmitir uma falsa sensação de transparência e retidão. A fé pessoal, por sua vez, foi transportada para dentro dos corredores da Secretaria, criando um ambiente que nada tinha a ver com a pluralidade e a universalidade que o esporte exige.

O apelo que se faz ao governador Tarcísio de Freitas é direto: menos militarismo, menos religião institucionalizada e mais gestão esportiva qualificada.

Alto rendimento à mingua

Quem vive o esporte sabe: o alto rendimento é o motor que inspira todas as gerações. Atletas de ponta não são apenas competidores — são exemplos vivos de superação, disciplina e possibilidade. São eles que fazem crianças e jovens sonharem com pódios, que lotam escolinhas e que justificam investimentos públicos.

Sob a gestão de Helena Reis, o esporte de alto rendimento paulista foi abandonado. Os recursos minguaram, os programas encolheram e os atletas ficaram entregues à própria sorte. O resultado é um estado que, outrora protagonista, hoje assiste de longe à



Com a saída da coronel Helena Reis do da Secretaria de Esportes, pelo período eleitoral, o meio esportivo paulista volta a respirar

O Esporte Paulista Pede Socorro: É Hora de Virar a Página

Tarcísio de Freitas tem diante de si a oportunidade de corrigir os rumos do esporte no Estado de São Paulo

ascensão de outros que souberam investir com seriedade.

O fim melancólico

Talvez nenhum símbolo traduza melhor o descaso da última gestão do que o destino reservado aos Jogos Regionais e Abertos do Interior — a célebre “Olimpíada Caiçara”. Essa tradição, que durante décadas mobilizou centenas de municípios, revelou talentos e fomentou a cultura esportiva no interior paulista, foi praticamente enterrada. O que antes era motivo de orgulho para comunidades inteiras transformou-se em um evento esvaziado, sem relevância, sufocado pela negligência administrativa.

Gestão paroquial

A atuação da coronel Helena Reis à frente da Secretaria foi marcada por um regionalismo nocivo. Os recursos e a atenção foram di-

reccionados prioritariamente para sua base política, em busca de retorno eleitoral. Entidades esportivas, prefeituras e dirigentes que não pertenciam ao seu círculo de influência foram sistematicamente preteridos. Projetos importantes travaram. Parcerias estratégicas não avançaram.

Mais grave ainda: relatos consistentes dão conta de um ambiente de perseguição a profissionais e entidades ligados a correntes políticas divergentes. O esporte, que deveria ser território de união, foi transformado em arena de sectarismo. Tudo isso, convém repetir, disfarçado sob a cortina de uma suposta autoridade moral militar e religiosa que, na prática, serviu apenas para encobrir a incompetência administrativa.

Um apelo amedrontado

É preciso dizer com todas as

letras: o meio esportivo paulista tem medo. Dirigentes, atletas e gestores municipais temem retaliações e perseguições futuras. Esse medo, por si só, já é a denúncia mais eloquente do tipo de gestão que foi praticada. Uma secretaria que governa pelo temor não governa — oprime.

Ainda assim, o clamor existe e precisa ser ouvido. Dirigentes esportivos, atletas de diversas modalidades e profissionais do setor pedem ao governador Tarcísio de Freitas que enxergue o esporte paulista com a seriedade que ele merece. Pedem um secretário ou secretária com experiência comprovada em gestão esportiva. Pedem igualdade de condições no acesso aos recursos públicos. Pedem investimento real no alto rendimento. Pedem valorização das entidades esportivas, dos clubes formadores e, sobretudo, dos

atletas que dedicam suas vidas a levar o nome de São Paulo ao topo dos pódios mundiais.

Até nunca mais

O esporte de São Paulo não quer um “até logo” para a era Helena Reis. Quer um “até nunca mais”. Quer que a página seja virada de forma definitiva, para que jamais se repita o experimento de entregar uma Pasta técnica a quem não tem qualificação nem vocação para conduzi-la.

O governador Tarcísio de Freitas tem em mãos a chance de devolver ao esporte paulista a dignidade que lhe foi subtraída. A comunidade esportiva confia nele. Resta saber se essa confiança será, enfim, retribuída.

O esporte de São Paulo, mesmo que de forma velada, já deu seu veredicto: da gestão que se encerra, não sentirá a menor saudade.